

AS DUAS VIDAS DE UM CONTO DE CLARICE LISPECTOR EM ESPANHOL

Júlio César Neves Monteiro

Doutorando do Programa de Pós-Graduação
em Literatura e Teoria Literária
cesarj1@gmail.com

O percurso da obra de Clarice Lispector publicada em espanhol merece uma análise abrangente. Clarice teve muitas de suas obras traduzidas para o espanhol a partir a década de setenta, com um considerável aumento nas décadas de oitenta e noventa do século passado. Foram diversos os tradutores e as editoras que tornaram conhecida a escritora brasileira nos países de língua espanhola, assim como, diversa foi a recepção dessas edições e dessas traduções. Como a análise das obras é uma tarefa de fôlego, que exige um espaço maior, limito-me a apresentar neste artigo o exame de duas traduções do conto *Felicidade clandestina*. O exame que proponho de apenas um conto pretende tão-somente indicar um possível caminho para essa análise, sem generalizá-la para o conjunto da obra traduzida.

O conto surge com o título “Tortura e glória” nas páginas do *Jornal do Brasil*, em 1968, em um espaço destinado a crônicas assinadas por Clarice. É republicado, desta vez como conto, sob o título “Felicidade clandestina”, no livro de mesmo título em 1971. A migração da crônica das páginas da imprensa para as páginas de um livro de contos não surpreende se levarmos em conta a difícil relação de Clarice com os gêneros estabelecidos. Após muitos conflitos internos, ela chega a declarar: “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais” (LISPECTOR, 1973). E a verdade é que a indecisão quanto ao gênero não impede em absoluto a classificação desse conto como uma belíssima mostra da qualidade estética da autora, nem parece ter influenciado os tradutores em suas abordagens do texto.

As duas traduções do conto foram feitas por argentinos. A primeira foi publicada na tradução do livro *Felicidade clandestina* das Ediciones Grijalbo, em 1988, com o título *Felicidad clandestina*. A tradução é de Marcelo Cohen, tradutor, jornalista e escritor bonaerense. Tradutor profuso de cinco idiomas, Cohen traduziu do português, entre outras obras, *Quincas Borba*, de Machado de Assis, e uma antologia poética de Fernando Pessoa.

A segunda tradução é de Amalia Sato, professora da Universidade de Buenos Aires, tradutora e escritora. Traduz do japonês e do português, tendo traduzido, entre outros autores, Ana Maria Machado e Haroldo de Campos. A tradução recebeu o título da crônica, “Tortura y gloria”, e foi publicada no livro *Revelación de un mundo*, que reúne crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1973, organizado pela própria Amalia Sato. O livro foi publicado, em 2004, pela editora Adriana Hidalgo, com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil, da Fundação Nacional do Livro e da Fundação Biblioteca Nacional.

A tradução de Cohen conserva traços importantes da escrita clariceana, como o uso do pronome “eu” marcando nitidamente a protagonista, voltando a narrativa toda para um plano introspectivo. Respeitando as limitações sintáticas e estilísticas do espanhol, Cohen conseguiu imprimir esse mesmo tom intimista à sua versão em espanhol:

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados. (p. 313).

¿Cuánto tiempo? Yo iba a su casa todos los días, sin faltar ni uno. A veces ella decía: Pues el libro estuvo conmigo ayer por la tarde, pero como tú no has venido hasta esta mañana se lo presté a otra niña. Y yo, que no era propensa a las ojeras, sentía cómo las ojeras se ahondaban bajo mis ojos sorprendidos. (p. 12).

Também conseguiu manter muitas das colocações inusuais:

Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. (p. 312).

Conmigo ejerció su sadismo con una serena ferocidad. (p. 11).

Apesar de ter conseguido manter muitas das características da escrita de Clarice, Cohen evita passos mais ousados na sua tradução, o que o impede de recriar frases de efeito estilístico que pode-

riam perfeitamente existir em espanhol, preferindo uma estrutura corriqueira da língua. No exemplo que segue, observamos que Clarice inova, conferindo transitividade carregada de sentidos ao verbo “dormir”, ao passo que Cohen normaliza o uso do verbo e elimina a imagem de desejo de fusão entre a menina e o livro:

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. (p. 312).

Era un libro gordo, válgame Dios, era un libro para quedarse a vivir con él, para comer, para dormir con él. (p. 11).

A tradução de Amalia Sato é bem-vinda se considerarmos o fato de que as traduções devem ser “revisitadas” e que não há tradução permanente, ao contrário do original. Toda nova tradução de uma obra tem algo a acrescentar às versões que a antecederam, oferecendo aos leitores novas facetas da mesma obra. Como nos recorda Borges, “el concepto de *texto definitivo* no corresponde sino a la religión o al cansancio” (1996, p. 239). No caso do conto em análise, as traduções são duas versões muito distintas entre si em vários aspectos, a começar, naturalmente, pelo título. O resgate do título original, “Tortura y gloria”, e a publicação em uma coletânea de crônicas, permite ao leitor de língua espanhola traçar o percurso do conto e perceber a não-conformidade da autora com os gêneros estabelecidos. Esse dado novo por si só já valida a nova tradução, reforçando sua vocação de renovação da obra, e é esse o grande mérito de Sato. É interessante notar a ordem de publicação do conto nas versões em língua espanhola, que é o inverso da ordem do português: ao contrário do que aconteceu no Brasil, em espanhol ele surge primeiro como conto e depois como crônica. É mais uma prova da porosidade dos gêneros nas mãos de Clarice, desta vez demonstrada pela tradução.

No entanto, um olhar mais atento revela algumas escolhas questionáveis. Sato omite alguns trechos, aparentemente sem motivo. No exemplo abaixo, a omissão do trecho destacado tira a força da mediocridade do presente que a filha do dono da livraria oferece a suas colegas:

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes **mais do que vistas**. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”. (p. 312) (grifo meu).

De poco le valía. Y a nosotras menos todavía: incluso para los cumpleaños, en lugar de algún librito, ella nos entregaba una tarjeta postal de la librería de su padre. Y para colmo con el paisaje de Recife, donde vivíamos, con sus puentes. Atrás escribía con caligrafía ornamentada palabras como *fecha de nacimiento y saudade*. (p. 11).

Outra omissão que tira a força da imagem do mar ocorre no trecho destacado a seguir:

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, **as ondas me levavam e me traziam**. (p. 313) (grifo meu).

Hasta ese día siguiente me transformé en la esperanza misma de la alegría: no vivía, flotaba lentamente en un mar suave. (p. 11).

Assim como Cohen, Sato perde a oportunidade de recriar em espanhol o trecho abaixo, embora tenha dado um passo além do seu antecessor, ao utilizar a transitividade do verbo “comer”. Ainda assim, o trecho continua normalizado, desaparece nele o “dormindo-o” tão inovador e significativo:

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. (p. 312).

Era un libro grueso, Dios mío, un libro para vivir con él, comiéndolo, durmiendo con él. (p. 14).

Sato por vezes altera a sintaxe do texto em português, o que gera um novo efeito de sentido na sua versão em espanhol, como ocorre no trecho abaixo, no qual a omissão da conjunção “e” dá a impressão de que a menina não caía nunca quando andava aos saltos pelas ruas do Recife:

Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez. (p. 313).

Esta vez no me caí: me guiaba la promesa del libro, el día siguiente llegaría, los días siguientes eran toda mi vida, el amor por el mundo me esperaba, y seguí saltando por las calles como siempre sin caerme ni una vez. (p. 14).

Cohen e Sato dão tratamento diferente a informações específicas do contexto brasileiro presentes no texto. Cohen traduz a palavra “sobrado” por “apartamento” e o livro *As reações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, aparece como *El reinado de Naricita*. Sato, por sua vez, lança mão de duas notas de tradução para explicar essas mesmas ocorrências culturais, deixando tanto a palavra como o título do livro em português no corpo do texto. Ocorre que as escolhas de ambos são discutíveis: Cohen usa a palavra “apartamento”, vaga demais para que se tenha uma verdadeira idéia do que seja um sobrado. Além disso, cria um novo e imaginário título para uma obra que já tem tradução na Argentina desde 1938, feita por Ramón Prieto (*Las travesuras de Naricita*, Ed. Americalee, Buenos Aires). Sato usa notas de tradução, recurso sabidamente útil para traduções, mas parece vacilar quanto à sistematização. Se o critério era usar notas para referir-se a elementos culturais tipicamente brasileiros, por que então a palavra “saudade” permanece em português em sua tradução, sem nenhuma nota que a explique? Além disso, na nota referente à obra de Monteiro Lobato, ela não faz nenhuma menção à existência do livro em espanhol, informação que seria, essa sim, muito útil a seus leitores.

Outro ponto que suscita questionamento em ambas as traduções é o tratamento dado aos adjetivos. Em um conto em que a aparência das personagens motiva a ação, a omissão ou a alteração de adjetivos que descrevem as duas meninas é gritante, pois tira muito da tensão do conto, centrada nas oposições. A menina humilhada diariamente, “a menina loura em pé à porta, exausta” (p. 313), aparece apenas como “la niña de pie en la puerta, exausta” (p. 15), em Sato. Cohen, na descrição da filha do dono da livraria no começo do conto, transforma seu cabelo “meio arruivado” (p. 312), em “medio amarillento” (p. 11), em uma provável confusão entre “ruivo” e “rubio”. São sinais de desatenção que empobrecem o conto.

O breve exame das traduções neste artigo não tem o objetivo de levantar “erros” de tradução, e sim de observar os efeitos que as escolhas dos tradutores tiveram sobre suas versões em espanhol da obra. O grande aliado e ao mesmo tempo o grande empecilho para as boas traduções do português para o espanhol e vice-versa é a possibilidade de manter a maioria das estruturas e das palavras do original. A aparente facilidade pode levar a uma tradução quase automática, com o risco de perder de vista detalhes que talvez comprometam todo o trabalho. Não é o caso das traduções aqui examinadas, embora alguns dos problemas apontados possam ser sanados em uma possível terceira tradução, que seria muito bem-vinda, posto que ampliaria ainda mais as possibilidades de desfrutar dos muitos matizes do conto.

As traduções de Cohen e de Sato deram nova vida à obra de Clarice Lispector. A partir da obra traduzida para o espanhol surgiram numerosos trabalhos acadêmicos que perpassam os mais diversos campos, dos estudos culturais à antropologia, sem falar, naturalmente, nos estudos literários.

Podemos mesmo falar em duas vidas, dois nascimentos do texto nos sistemas literários de língua espanhola, duas incursões por meios culturais tão próximos e tão afastados de nós. E tudo tornado possível pela tradução.

Referências Bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. Las versiones homéricas. In: *Obras Completas*, vol. I. Barcelona, Emecé, 1996, p. 239-243.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. In: Ítalo Moriconi (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva, 2000, p. 312-314.

LISPECTOR, Clarice. Tortura y gloria. Trad. Amalia Sato. In: Amalia Sato (org.) *Revelación de un mundo*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2004, p. 13-15.

LISPECTOR, Clarice. Felicidad clandestina. Trad. Marcelo Cohen. In: *Felicidad clandestina*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1994, p. 11-13.

Recebido em 5 de agosto de 2007

Aceito em 5 de outubro de 2007